

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## O Comicio extremista e a farça dos politicos

O que só eles não viam — A peor das imbecilidades — A logica venceu o impudor — Os homens dos velhos comicios e o povo — Como se liquidam ambiciosos

Julgo que se desmarchou a frente unica republicana-anarquista - e nem mesmo compreendo como ela se chegou a formar. É preciso que os partidos tenham uma enorme acefalia a dirigil-os para não compreendem que geraram um aborto.

Até aqui — ou antes até 1910 — ir ao comicio consistia em condenar a monarquia, soltando todas as imprecações, inventando todas as calunias, fazendo as mais incumpriveis promessas.

Após as revoluções os empresarios dessas reuniões mostraram-se ao povo nos parlamentos onde, ainda assim, por vezes eram pateados. Como se as consciencias os alarmassem, jámais se atreveram a subir às taboas dos velhos comicios; deixaram de se defrontar com a rua e a sua obra, toda em contrario do prometido, tornava-os os almejados reus. Mesmo, depois das tentativas monarquicas, os chefes republicanos não se decidiram a ir até ao povo. Tiveram medo de ouvir dizer que seus erros e seus crimes é que tinham tornado possivel a reviravolta, a ancia libertadora do país que a estúpida sorte das armas, mais uma vez lhes entregava.

Os anos decorreram e cada um dêsses «amigos do povo» já o desconhecia. Instalados nas altas situações viam-no muito de cima, como



quem do topo duma torre disfruta um formigueiro que, por um capricho por um mau humor, por um divertimento, se dispersa ao sabor dos ventos. E, no entanto, eram os mesmos homens que os tinham guindado e que êles feriam ingratamente, enchendo com êles — ao menor protesto seu — as cadeias e os porões. O partido democratico traíra a sua função popular. Os caudilhos eram janizaros enquanto não se faziam milionários e ficaram em seus lugares, os subalternos, cujas unicas aptidões consistiam em ter praça assente e chefiarem grupos secretos, cujos membros viviam do tesouro publico.

Porque se deve marcar aqui a verdade para o historiador futuro. Toda essa gente — Antonios Marias da Silva, Gasparez, Victores Coutinhos, Cardosos, — todos os que para aí teem governado — e de que estes são os símbolos — não possú o menor valor pessoal. Não são bons profissionais de seus misteres, nem escritores, nem oradores, nem estadistas. Mas teem governado e enriquecido.

Cousa alguma destas escapa ao povo; as fortunas que eles possuem são tão conhecidas como as dos moageiros e as escandalosas concessões de terrenos em Africa, feitas a alguns, atingiu verdadeiras proporções de crime. Qualquer dia passam-nas a estrangeiros e ficam ricos de milhares de contos.

Na primeira altura em que se puseram em contacto com a turba ouviram aquilo que a agoniava, sentiram a repulsa que merecem, e eles — plutocratas, comprometidos em todos os negocios — que iam atirar para os outros as culpas da má vida nacional, foram os primeiros a sentir os efeitos da sua duplicidade.

Ainda ha pouco um politico, janota extremista, recebeu cincoenta contos duma empresa, para facilitar certa operação, e, embora não se atrevesse a ir clamar diante do povo contra os grandes exploradores, pretendeu enganá-lo com suas filaucias.

Tudo isto se sabe, e aquela massa humana que outrora os ouvia, mais com o coração do que com o cerebro, já hoje os escuta com uma analyse feita de desenganos. Todos os que não forem limpos e se atreverem a defrontar a multidão, começarão por ouvir o apupo e acabarão contra os muros das execuções.

Neste periodo, em que toda a gente alardeia luxos, vale bem mais ser honrado e gosar duma mediania, esperar os acontecimentos, do que pretender ludibriar o povo, que já não se deixa embair. Os politicos, em nome dum suposto ataque à Constituição, que eles todos os dias pisam, quizeram o contacto proletario e quando julgavam que iam sair ao colo das electrizadas gentes, escutaram os seus despresos.

Tinha-o profetisado. Faz pena vêr tantos imbecis, falhos de conhecimentos da psicologia popular, tentando dominar a rua. E são estes primatas que nos governam, que alcançam nomeada, mercê duma imprensa



venal— a qual assim como recebeu de Norton de Matos para o elogiar — a todos os que possam pagar alça aos cômodos; e são estes genuínos Canaloides os ministros, os diplomatas, os altos funcionarios que nós pagamos!

Não se pode dizer que a legião popular saísse triunfante dum comício onde se apupou governantes, todavia ela deu um exemplo de que despreza os aventureiros e dessa «frente unica», radical-extremista, restam alguns homens de animo calmo, após os desabafos, certos politicos doridos sob os apódos e a certeza do desprezo dos circunstantes pelos homens da republica.

Diante do que se chamava reacionarismo — a tal inventada dictadura — os liberais do regimen ouviram, das bocas humildes, as suas condenações e ficaram, decerto, elucidados àcerca do conceito em que são tidos. Faliram. A revolução com um caracter mais radical, chegará, e, como nenhum dos seus corifeus a poderá conduzir, aguardam-nos dias muito maus, mas — é preciso ter fé — virá depois a hora, não dos politicos, mas dos honrados. Hão de ir buscá-los onde estiverem e esses serão os verdadeiros reconstrutores nacionais.

Antes disso, porem, que grandes provações ainda! Que de cas sobre esses envenenadores do povo, porque, se uns os intoxicam com oss generos, aqueles os empeçonham com as mentiras! Que de grandes misérias a sofrer, mas que movimento sacudido e forte de repulsa sucedará!

Foi este o corolario que tirei do comício, onde os esquerdistas da politica queriam, mais uma vez, ludibriar a multidão que os escorraçou.

Grandiosa lição que de certo lhes não aproveitará, pois estão perdidos, e, por mais que bracejem, não deixarão de se afogar.



## As "estrofes" ao assassino de Sidonio Paes

A incontinencia dum deputado — Porque se fez  
a apologia dum criminoso — O baixo nivel par-  
lamentar — Lambroso e os seus tipos — A ver-  
dadeira razão das "estrofes,"

Chegou-se ao cumulo. Fez-se, no parlamento portuguez, a apologia do assassino de Sidonio Paes.

Depois duma larga discussão sobre a anistia aos marinheiros rebeldes e quando os monarchicos falaram do assassinio daquele chefe de Estado um deputado gritou:

— É um benemerito!

O criminoso, assim enaltecido, torna-se o complemento do que oficialmente, se decretou para o sargento Gilman, «autentico benemerito da patria», segundo o criterio republicano e que foi o cobarde fuzilador de seus indefezos superiores.

O deputado que soltou aquella frase é falho de autoridade intelectual, é ainda um rebento da rua jacobina que à força de remoer tolices passou por expressivo orador e foi florescer, como uma piteira rubra, naquelle alfobre de ineptos, de vendidos e de mariolas que constitue a maioria do parlamento portuguez. Entre aquelle matagal de interesses contam-se os homens de bem e de valor. Ineptos, disse eu, por favor, devia chamar-lhes inconscientes de seu papel; vendidos, do mesmo modo é um eufemismo, o que eles são é gado de alifafes pintados por ciganos querendo passar por sãos nos potris de S. Bento, mariolas é que está certo embora um republicano — o sr. dr. Lopes de Oliveira — já lhes tivesse chamado cousa peor em que prepassam até silabas que o codigo pune.

Contam-se, pois, os serios e os inteligentes nesse parlamento onde foi possivel proferir aquella frase sem que houvesse um protesto veemente. Um antigo ministro do sidonismo — o sr. Malheiro Reymão — ouviu em



silencio os afrontosos dizeres. Sujeito a uma sindicancia, que envolve a sua honrabilidade, ainda frequenta a Camara. E como é ali tolerado calou-se quando o orneio soou no hemiciclo.

Quem proferiu aquelas palavras, é preciso que isto se fixe, foi o sr. deputado Tavares de Carvalho que não teve a menor educação literaria, não exhibiu republicanismos, quando, fardado de sargento, guiou os automoveis do ministerio da guerra, no tempo da monarchia, e, presentemente, tem assento nas cadeiras de seus antigos amos.

Foi ele quem chamou benemerito a José Julio da Costa, cuja correspondencia, pelo menos a que me dirigiu, o apresenta como um singular producto das excitações jacobinas.

Vejamos as razões que o deputado — mas como esta especie é eleital — tem para o designar assim.

Com o seu criterio de primitivo o homem deu-se a conspirar no periodo do sidonismo e recolheu a uma fortaleza na sua qualidade de militar. Ele proprio narrou à Camara o que julga ter sentido rente das grades de seu carcere:

— «Eram os monarchicos a latejar chamando-me cão, biltre, demagogico e outras «estrofes» semelhantes.»

Isto é uma amostra de suas queixas e de sua linguagem. Nenhum outro preso, nem Sá Cardoso, nem Tomaz Sousa Rosa, nem José de Castro, ouviu os *monarchicos a latejar* nem as *estrofes* e daí, talvez, o não se atreverem a vir publicamente dizer que o assassino é um benemerito.

No fundo o deputado exhibe a sua gratidão. Aquilo, textualmente, quere dizer o seguinte:

— Eu nunca imaginara vir roçar o traseiro nestas poltronas nem que me atreveria a levantar a voz num parlamento. A ignorancia é muito atrevida mas cheguei a duvidar de minhas forças para o empreendimento de tanta monta. Cheguei e habituei-me. Isto de deixar de guiar para andar a fingir de dono é bem bom. De repente vejo-me na rua. O que devia fazer? Conspirar. Claro que eu nunca me mostrei em nenhuma revolução mas o apoio moral vale muito. Prenderam-me e... quando julgava tudo terminado, quando me via relegado à minha situação antiga, emfim a ocupar o meu logar verdadeiro, aparece um homem, desvairado pelas leituras e pelas conversas, dá dois tiros no grande culpado da minha má situação, e eu, saio — farto de «estrofes» — torno aos meus prazeres diletos de orador e ganho a importancia dum martir que «na defeza da republica — palavras textuaes — não é um leão mas uma leão porque essa é mais feroz ante os «uivos» de seus filhinhos». Ora o que devo chamar áquele assassino? Benemerito. È que o foi e eu bem o sinto.

Deste modo entrou a raciocinar o deputado e os outros — os colegas — se não applaudiram calaram-se e quem cala consente.

Quaes as razões de sua calada? Identicas. A maioria do pessoal —



é que pessoal! — que ali se exhibe jamais entraria aquelas portas a não ser para ocupar as galerias; passaria à condição que lhe compete e perderia as suas qualidades e... as suas achegas. Aquilo não é apenas rendoso pelos ordenados mas porque vivendo-se numa época de plutocracia se pesca muito no mar turvo da politiquice.

Fui lá um dia destes ouvir o Cunha Leal e, constatei, naquela luz de poço, tocada de reflexos vermelhos da alcatifa, a presença dalguns rostos que Lombroso não desdenharia para os seus quadros; verifiquei atitudes que depõem mais do que documentos e fixei nomes que podem significar tudo menos eloquencia, talento, honestidade.

Dai a calada ante um humilde de ontem tornado uma personagem e que chama benemerito ao assassino ao qual deve não perder a fatia dourada da representação nacional.

Ninguém lhe perguntou porque soltava aquela «estrofe» mas se o interrogassem ele acabaria por dizer isto que aí fica misturando-lhe mais outras «estrofes semelhantes» numa enxertia de sonoridades de busio: republica, liberdade, povo glorioso, que em sua bôca tem apenas o valor dum guincho de papagaio irritado por um marçano.



## Norton de Matos na barra

**Uma visão singular — Um acusado e um acusador — A sessão de 20 de fevereiro no Parlamento — Vitellius na decadência — O papel da imprensa.**

O grande acontecimento da ultima semana foi a interpelação de Cunha Leal ao alto commissario de Angola, general Norton de Matos, cujo luxo babilonico deslumbrou as regiões de Katanga e adjacencias e cujas despesas faraónicas penetraram em funda sondagem na ferida do tesouro publico. Como se fosse um Soluco, de manto imperial e coroadado de folhas de bananeira, o antigo demagogo do 14 de maio, o organisador da leva da morte—a unica que merece tal nome, a ida para a guerra na maior das desorganisações—queria á sua volta as pompas dum visio rei e o boletim da provincia gemia sob os paragrafos da etiqueta.

Angola surgia como um novo Egypto em que só eram grandes e poderosos os que scintilavam pedrarias e de tal maneira esse republicano—antigo conspirador monarquico de 1911, em Vizeu—se julgava um sem-deus que, distribuindo seus favores e graças, proibia aos funcionarios, encarregados de zelar os bens do estado, de intervirem nas contas desde que a seus apaniguados tivessem que se fazer pagamentos.

Para em tudo ser semelhante a um estado independente, Angola tinha, e tem, uma agencia geral que é a sua legação, não lhe faltando até o indispensavel escudo e para que não houvesse duvidas acerca das intenções do seu senhor, em relação ao territorio, ficou assente—e por sua letra o escreveu e transmitiu aos inglezes, num jornal da Africa do Sul, que se por acaso a monarquia se restabelecesse na metropole, logo se proclamaria a independencia da provincia. Junte-se a isto a maior delapidación, a mais desorientadora maneira de governar, o desbarato, o enriquecimento de muitos individuos á custa do erario e o enaltecimento de todos os actos do commissario tranfigurados para uteis cometimentos e ter-se-ha a impressão do que se passava em Angola.



A' maior corrupção correspondia a maxima venalidade e uma imprensa porca, miseravel e subserviente, por dinheiro, elevava aos páramos o prodigo delapidador dos dinheiros publicos. Piratas do mar da tinta endeusavam, por alguns contos de reis, este outro pirata dos mares das aventuras.

A origem remota do 14 de maio, em que aquele official foi um corypheu, esteve no apoio moral da Inglaterra aos partidarios da guerra de lacaio e esse individuo em cujas veias corre sangue britanico mergulhou na conjura, sobretudo depois que o general Pimenta de Castro, honradamente, se recusou a pagar a requisição de automoveis para Angola, que elle governava, e feita á firma de que era representante outro agente revolucionario. O ataque á Constituição era — no fim de contas — uma defeza de interesses.

Quando Machado Santos — esse idealista assassinado enquanto os corsarios são adorados pela baixa plebe do crime e da cilada — fez o movimento de 13 de dezembro, no qual entrei, o senhor Norton de Matos, naquela mesma Camara, onde assistia á sua exauctoração, ha dias, teve a audacia de dizer que se enojava de pronunciar o nome do fundador da republica.

Os anos decorreram e enquanto um caminhou para os presidios, o outro instalou-se no poder, mandou, insultou, ameaçou, arrancou os filhos ás mães para cumprir um compromisso de rastejantes, cujos peitos barrados pelo vermelho da Legião de Honra — com que lhes agraciaram a torpeza — parecem verter o sangue dos soldados sacrificados. Um dia chegou em que a revolução venceu e o chefe desse exercito, arrancado ás miserias do paiz, não correu para a defrontar mas para o refugio a bordo dum barco britanico. Na Inglaterra encontrou o acolho devido ás suas subserviencias á custa da patria arrastada para uma aventura e quando um assassino liquidou o honrado vencedor de seus maleficios, elle voltou a ocupar os mais altos logares. Não dá mais contas, usurpa todos os direitos, é mais de que um soberano, porque é um despota louvaminhado a tanto a linha e comprometer a honra e o futuro da provincia no mais ruinoso dos emprestimos.

Isto é, ligeiramente apootado, a sumula dos delictos do homem que Cunha Leal pulverizou.

Agora o seu aspecto diante dessa Camara silenciosa e pasmada onde o vi como um reu.

Balofa e vermelhusca a face acabrunhada sobre montões de papeis, refogado o pescoço gordanchudo e no empastamento da sua mascara romana de Vitellius demolido, havia qualquer cousa que queria ser desdem e era preocupação. Os seus dedos agitavam-se, não podiam socegar e o gesto favorito do acusado consistia em passar o bico do lapis entre o seu dedo e o anel largo em demasia, pesado e de oiro.



Depois, febrilmente, tomava uma nota para voltar á sua meditação e ao seu movimento mecanico.

O tão falado homem de ação e de energia parecia falecido, o militar que, de chicote em punho, ameaçara grevistas, o violento desapiedado que enchera os porões de rebeldes enquanto os não atochava de soldados, desaparecera e a sensação que se tinha era a das decadencias nascidas dos prazeres, da vida mole do palacio do governo africano, entre infinita creadagem, bebendo os vinhos e os licores preciosos, ouvindo as louvaminhas e não sendo jamais contrariado. Do Norton de Matos que a imprensa — sabe-se lá a quanto a linha?! — chamara activo, forte, milagreiro de Tancos, restava aquella carne flacida, a fisionomia empapada, o vulto sumido no fôfo da poltrona parlamentar.

E no alto da tribuna, audaz, fero, tambem como um romano, trigueiro, bravo, dum sarcasmo cortante na voz, dominando a Camara como um esplendido actor, subjugando-a como um juiz, Cunha Leal, moço e cheio de razões, parecia vibrar na sua voz o impulso e o libelo vindo do pobre assassinado, Machado Santos, que o reu de hoje insultara sem que êle se pudesse defender ali, naquele mesmo logar, onde o destino o amarrou.

Mas que sahirá de tudo isto? Num paiz de regimen decente abrir-se-ia mais um inquerito como a ante-camara duma cela penitenciaria. Aqui marcou-se apenas mais uma sessão historica para a crónica dos escândalos republicanos.

Constatou-se, tambem, como os jornaes que outrora o alçavam como um idolo, não o defenderam, naturalmente porque não lhes pagavam. E' tambem, a historia duma falsa reputação feita pela imprensa venal e esbarrondada no silencio desde que o elogiado abriu falencia.

O homem que tanta gente mandou barra fóra naufragou na barra do tribunal em que é juiz supremo o povo do seu país.



## O banzé do ministerio das finanças

Uma balburdia à porta dum ministerio — As razões das arruaças — O que significam os protestos — A nova "menge" — Igualdade ou moralidade

Entre as cousas deveras estranhas que teem succedido neste país a mais extraordinaria — embora o não pareça — foi a da balburdia dos empregados do ministerio das finanças à porta do proprio gabinete do titular da pasta, porque queriam ser recebidos por força afim de tratarem das questões de seus ordenados. Não os atenderam, parece que não os quizeram acolher, e, então, não se coibiram, barafustaram a ponto dum secretario — como se tratasse duma desordem no Pateo das Osgas — os ameaçar com a policia.

Dizia Guerra Junqueiro, com uma enorme segurança, que os republicanos tinham conseguido fazer dum povo, outrora um esplendido boi de dar bifés, um toiro furioso de dar marradas. Pois, se o vate vivesse, podia acrescentar que tornaram os mangas de alpaca numa manga de hotentotes.

Nos tempos idos, o empregado publico era, por via de regra, um sujeito pontual em seu emprego, que tinha excelente letra e um grande medo dos seus chefes; estes, por sua vez, eram uns individuos gravissimos, comedidos, que se indignavam diante dos menores borrões nos officios e apenas albergavam duas aspirações na vida: a atenção do seu ministro e a carta de conselho.

O Terreiro do Paço era o seu ambito, e, quer ventasse quer chovesse, os funcionarios, de *pardessus* ou de galochas, de bengalas ou de guarda-chuvas, lá estavam, às 10 horas em ponto, traçando, na sua melhor letra de grossos e finos, as banais expressões dos papeis publicos! E a grande alegria do amanuense, a que o dominava, o tornava semi-louco de alegria — só nesse dia se permitia um gesto mais bizarro — era quando o sr. ministro exclamava diante dum decreto: Isto é uma estampa! Gastavam-se nisto vidas e jámais uma palavra soou mais alto na ante-



câmara ministerial. Como quasi todos os empregados do Estado eram irmãos do Santissimo, aquele gabinete, com seus pesados reposteiros, dava-lhes a impressão duma santa capela.

Isto poderia ser exquisito, banal, ôco, se quizerem, mas não era rebelde nem bulhento.

Naquelas passividades estava toda a ordem, e, como numa maquina afinada não se ouve um estalido sem se procurar as razões, assim cada vez que um amanuense falava mais alto o chefe levantava logo a cabeça e bastava esse movimento para a vida da repartição se normalisar.

Havia revoltas de casernas, de batalhões, de exercitos e até os marechais as conduziam. Não se podia dizer que uma calma celestial reinasse, mas o que nunca se viu foi uma bernarda de empregados publicos.

No reinado de D. Luís, quando o senhor Fontes e o senhor Braamcamp se alternavam no poder, liquidadas as revoltas caserneiras, Portugal parecia um jardim, onde se andava a passear depois de cuidar das plantas. Era certo que havia algumas trepadeiras atrevidas, mas ou as deixavam florir ou as cortavam a tempo.

Aquele balburdiar dos empregados das finanças à porta do gabinete do proprio ministro não foi apenas uma indisciplina, nem de cousa alguma serviria chamar a policia para o aplacar. Esse tumulto é a mesma desordem das mesmas finanças, é o coração do Estado num desarranjo, tornando irrequietos os outros órgãos. Não se compenetrem que meia duzia de policias resolveria a questão. Nem sequer se deve pensar semelhante cousa. Ali não existe senão um mal e esse é basico: a transformação da antiga materia prima.

Outrora para se ser amanuense carecia-se de duas cousas: habilitações e folha corrida. Ia-se a concurso, e, embora o empenho influisse na carreira do funcionario, é certo que a maioria se guindava pelo proprio valor. Semeavam-se nos lagedos da Arcada alguns amanuenses que, ao cabo do tempo, vinham a rebentar em chefes e directores gerais. O celebre Carrilho fez assim a sua interessante ascenção e como êle tantos outros que se embrulharam nas delicias da Carta de Conselho.

Contava-me Rafael Bordalo, que um contínuo do seu tempo de praticante nas Côrtes, ao encontrá-lo, sempre lhe dizia:

— V. Ex.<sup>a</sup> fez mal em deixar o emprego... Já hoje podia ser conselheiro!

Agora que se desdenha de todo o passado, o funcionario não entra na repartição por concurso nem carece de habilitações; mataram o estímulo desde que o socio do Centro Republicano vale um bacharel, desde que o curso de revolucionario civil é indispensavel para se alcançar uma posição burocratica invejavel. De cousa alguma serve ser pontual, sério, sabedor. É bem melhor ser carbonario, comparsa das galerias parlamentares e desordeiro em prol da republica, que vem a ser um individuo que



dá o corpo à luta pelo sr. Antonio Maria contra o sr. Camacho, e pelo sr. Afonso contra o sr. D. Manuel.

Já se vê que a sementeira antiga da Arcada secou e a moderna dá o revolucionario sustentado pelo orçamento. Quando lhe falam em boa letra responde com boas pistolas, quando lhe exigem redação, saca de bombas, quando lhe solicitam acatamento para os superiores não os vêem como tal mas na qualidade de adversarios que não os deixam fazer a sua vida, não lhes aumentam os ordenados e lhes fecham as portas, a êles, que os ajudaram a chegar ali.

Antigamente, quando o amanuense se encontrava diante do seu chefe, era como um recruta perante um capitão; presentemente dão-se as mãos, quasi se abraçam, porque o subalterno, às vezes, é socio mais antigo do Centro onde o superior não pode deixar de estar filiado.

De forma que os homens das finanças, que fizeram a sua manifestação, nem imaginaram que se dirigiam ao ministro. Apenas sentiam o caudilho que falhava às antigas promessas, e, como guerrilheiros do mesmo ideal — o bem-estar dos bons republicanos —, esqueceram a manga de alpaca e arremeçaram-se como uma manga da Cafraria ao grito da cruzada nova: os estomagos são iguais ou ha moralidade.



# A psicologia dos bebedores de agua

A análise dum almoço de negocios — A agua e o vinho — A sua influencia nos interesses — Singulares psicologias — As «combinações» e as bebidas

O peor homem que existe é o bebedor de agua. Claro que não me refiro aos que a doença proíbe de beber vinho mas áqueles que, calculadamente, se encharcam de agua.

Ha dias — no Tavares, à hora do almoço, na sala de cima — um portugûes politico, um inglês, um belga e talvez um americano, tratavam dum negocio. Na cabeceira da mesa uma inglesita bonita parecia desatenta áquela balburdia de numeros, de nomes coloniais, de vias ferreas e portos em que eles falavam.

Só um desses homens — o que julgo americano — bebia vinho, um esplendido Cadaval velho, côr de rubi, que, deliciado, e satisfeito, de olho aceso, sorvia.

Os outros molhavam os beiços na agua que o sol, por vezes, irisava, à qual dava tonalidades do licores misturados num cacharolete luminoso e as suas palavras saíam precisas, umas manhosas, feitas de intrigas, alçapoadas, e isso escapava ao bebedor de vinho.

A dama, de quando em quando, arredava a cadeira tomava, nos dedos finos, o seu copo, olhava-o à luz e quedava-se a ouvir. Era bonita, a inglesita, mas quando sorria, os seus dentes ponteagudos afeiavam-na, e, ao beber a sua agua, êles aumentavam, atravez do cristal, como prêsas leoninas capazes de devorar aqueles seus companheiros, ou antes, o seu tenebroso negocio, porque, no meio de todas as delicadesas, os bebedores de agua deviam maquinar alguma causa de estranho.

Eles pretendiam enganar-se mutuamente e isso lia-se nos seus olhos onde havia luseiros, faiscas rapidas de sol batendo numa agua estagnada e desaparecendo logo, perdendo-se como faúlhas fugazes, ou antes, como scentelhas de fogos propositadamente cobertos de cinzas. Os numeros rolavam de suas bocas e as palavras soavam com gentileza, mas eu sentia que eles mergulhavam nos seus copos metade dos pensamentos como se toca um biscoito numa flûte de Malvasia.

Eles não bebiam vinho para terem a segurança de que facilmente se enganariam, não queriam a excitação em seus cerebros para que a manha só vibrasse e, afogando no gelido da agua, a bondade e a genero-



cidade, livres os corações dos consolos que o vinho traz, mais habilmente conseguirem os seus fins.

Na ponta da mesa — ela, a bebedeira de fios de luz no seu copo de Luso — parecia animá-los como se fosse oferecer-se ao vencedor e, lá no extremo, o americano, despejando o seu vinho, animava-se, ria, fazia gestos de quem se desinteressava de certas minúcias, de pormenores, querendo apenas saber da parte grossa da operação.

Trocavam-se olhares entre os comensais que pareciam estabelecer uma funda cumplicidade, e, como se se pertencessem a uma maçonaria de bebedores de água, contrária aos que amam no vinho a côr, o gôsto, o perfume, a beleza, eles deviam entender-se perfeitamente contra o americano côrado, sadio, alegre, que, em vez de ter um lapis entre os dedos — à hora consoladora da sobremesa — era o fino pé de seu copo que segurava. O criado trouxera um magnífico *puding* de chocolate, muito quente, vaporando fumo e um aroma de baunilha e eles — que mutuamente tinham chegado ao ponto culminante da combinação — nem o viam, todos debruçados sobre a planta, riscando, discutindo, esgrimindo com seus lapis.

As senhoras adoram o doce, e, sobretudo, o doce perfumado, pois aquela inglesa nem reparava no seu prato, toda entretida no negocio que mais lhe aromatisava a vida.

— *Port-Wine?* — perguntou o criado.

Abanaram lentamente com as cabeças e continuaram a sua analyse.

Só o americano decidiu:

— *Oh! Port-Wine, Yes...*

E, daí a pouco, estava a contemplar, enternecidamente, o seu calice.

Estes homens de negocios, que bebem água às refeições, sem estarem doentes, são os mais terríveis pelejadores que se pode imaginar. Eles guardam-se da tentação do vinho para não cederem um só passo na tragedia em que levam já embrulhado o seu negocio, porque não querem formar uma empresa para vencer com paciencia, trabalho e lisura mas uma ratoeira na qual apanhem aos outros, para depois caçarem os accionistas. A água deve comunicar-lhes frieza, fleugma, contrações gélidas que vão do coração aos estomagos, ao passo que o vinho os amoleceria, lhes daria vagas ternuras, desejos de fazer bem, de não se ludibriarem.

O vinho traz em si uma canção que acode aos labios, como se desabrocha uma rosa num muro, conduz, em seu corpo, um calor benéfico que se desdobra e penetra até à alma, fazendo-a florir em generosidades; a sua côr suavisa a vista e penetra até ao espirito, dando tonalidades diversas ao pensamento e, sendo o licor da missa, parece que faz dos corações altares.

A água gela nas bocas a espontaneidade, paralisa a eloquência e deixa como um pingente de neve na superficie das bocas, percorre o estomago e contrai o coração como sob uma gelira, e é enganadora em seus cambiantes de luz, porque, parecendo oferecer topasios, rubis, raios de ouro, ludibria ao chegar, inodora e insípida, às gargantas, servindo para apagar as sêdes mas nunca para animar os cerebros.

No fim do almoço do Tavares, o americano devia ter sido afogado por aqueles bebedores de água, mas nos seus labios, nos seus olhos, nos seus movimentos passava tanta felicidade que bem valia os *dollards* de menos da combinação. Generoso como um vinho velho pagou a conta; refletindo a alegria como um charco recolhe uma nuvem doirada, os bebedores de água deixaram-no esportular.



## O povo e os seus burlões

Uma singular tarde de protesto—Como o povo vê os políticos — A guerra republicana — A anciedade da vida barata — O que vai succeder em breve

Eu estava no parlamento, a ouvir a mole resposta do senhor Norton de Matos a Cunha Leal, quando vi chegar, radiantes, os democraticos que, para se darem ares de conduzir o povo, tinham preparado a manifestação das Juntas de Paroquia. Levaram certo tempo na combinação, alixaram os cartazes, arranjarão a cumplicidade do governo, e, sem se lembrarem de que a maior parte dos membros do partido afonsino são, à semelhança do chefe, aventureiros do negocio, pretenderam lançar sobre a cidade a impressão do seu poderio. Longe de fazerem as cousas uteis — como as aconselhadas neste panfleto — apenas pensaram na exhibição. E um deles, que acumula a deputação com o emprêgo pingüe e o cargo de paroquero, empatilhado e grave, como se trouxera nas algibeiras tripeiras o povo da capital, todo se pavoneava no hemicycle, se dandinava dizendo que jámais tão grande cortejo acudira a S. Bento ao apêlo dum partido. Modestamente não dizia ao chamamento dum homem.

Ainda avançou para ir vêr o que julgava fruto de sua popularidade, convidou os outros mas empalidaceu, emburrancou, no centro da varanda, ao lado dos demagogos convidados para o goso da glorificação.

Aquilo que ali estava, essa massa imensa de gente que enchia a Avenida das Côrtes até ao Atêrro, a rampa de S. Bento até ao Combro, sofrera uma metempsicose. Já não era a população de empregados publicos dos centros jacobinos, tampouco os mercieiros cumplices da carestia da vida e que eles tinham mascarado de cidadãos, ainda menos esse rebanho mendicante que vive dos favores do poder; o que ali estava era uma turba arrebatada, entre a qual se viam já individuos da classe média, gritando a sua fome e, com ela, outras verdades que faziam recuar e empalidecer os socios da moagem, dos negocios, dos Bancos, os caixeiros, os agentes, os lacaios das plutocracias que são, na sua maioria, esses tresloucados faladores que se intitulam de deputados, de senadores, de politicos.

A bandeira corsaria da republica fôra escarrada e mordida, rasgada e cuspida, como um rótulo de mercadoria avariada; e em seu lugar er-



guera-se, como o verdadeiro pendão desta patria que se afunda e se perverte, o estandarte negro, o pavilhão da fome; a onda humana seguira esse farrapo que se tornára o legitimo guião do povo protestante, e na sua sombra, os brados implacaveis de condenação subiam, acusando todos aqueles senhores do regimen. Tudo quanto se tem escrito neste panfleto saía da boca do povo e eu vi, com alegria o digo, enlivedecerem os rostos dos que se julgavam idolos.

Eh! canalhas! Eh! miseraveis! Eh! pulhas da moagem... Abaixo o parlamento... Viva a revolução social! A onda humana galgava implacavelmente o largo e eu sentia-me, enfim, na hora da justiça e não me confive, disse-o, mostrei o meu jubilo e sósinho, entre essa mancha politica do regimen, julguei e condenei.

—Oh! não esteja contente—disse-me alguém—aquilo é tambem contra si, contra o seu partido...

—Que importa, volvi; em só me consolo porque vejo claramente o povo contra os senhores, contra a sua republica, contra a sua bandeira... Que importa o resto...?! Eles querem o mesmo que eu, productora como eles.—O pão para todos, a demolição das plutocracias...

E, então, desafiei-os a que descessem, a que se aproximassem dessa massa imensa furiosa e farta de ludibrios.

—Que fosse eu...

Desci e meti-me na onda. Não deixei a multidão pelo Combro acima até defronte da *Batalha*, onde aquele mar estagnou.

O que ouvi durante o trajecto deixou-me compenetrado de grandes acontecimentos para breve, as palavras de condenação, os nomes que escutei execrados são os dos homens que se julgam populares, até de socialistas que se imaginam futuros dirigentes da opinião dos sacrificados. O que eu ouvi?!

Levado pela onda—, sendo para ela um desconhecido, ao que julgo, não tive que me lamentar desse meu rasgo e uma consolação maior me encheu, ao chegar ao Camões, quando rompeu o tiroteio, de lembrar-me que, ao erguer a cabeça para vêr os deputados republicanos, no varandim das côrtes, já não topei senão os continuos, decerto de alma e cerebro com a multidão que apupava os homens que eles servem.

A noite caiu rapida; começaram a acender-se as luzes, soaram mais tiros e quando cheguei ao Cais Sodré para tomar o comboio—pois móro no arrabalde à falta de casa na cidade—senti que alguém me batia no hombro. Voltei-me. Era um antigo ajudante de impressor que trabalhara outrora comigo. No seu olhar havia um brilho extranho, a sua voz enrrouquecera e eu, para o ouvir, perguntei-lhei:

—Então você andou a dar vivas à revolução social?

—Não senhor, andei a dar morras aos ladrões!

Expliquei-lhe que era quasi a mesma cousa, e ele, depois de me contar suas miserias, suas dificuldades, quiz saber da minha tarde. Con-tei-lhe o que aí fica. Não se admirou. Profetisei-lhe os assaltos, em breve; a neutralidade da guarda, a nova crença e talvez a nova desilusão e ele, como se cahisse num sonho, quedou-se emquanto eu corria a apanhar o comboio.

No ceu subira um lindo luar e na sua marcha forte barrava as casas da cidade que pareciam iluminadas numa gala, nessa noite de protesto e de reivindicação.